

**ESPAÇOS EM TENSÃO: GÊNERO, TRABALHO E LAZER EM TERESINA,
PIAUÍ (1975-1985)**

Julio Eduardo Soares de Sá Alvarenga

Discente do mestrado em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

E-mail: julioeduardoalvarenga@gmail.com

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivos principais analisar, com enfoque em história e gênero, as reconfigurações urbanísticas e os espaços de lazer encontrados em Teresina (capital do Estado do Piauí) entre 1975 e 1985, bem como demonstrar as representações que esses locais receberam, de acordo com os horários e públicos frequentadores. O recorte temporal escolhido contempla mudanças estruturais e de pensamento populacional. Para realização da pesquisa, fontes hemerográficas encontradas nos jornais *O Dia* e *O Estado* foram utilizadas. Entre os principais interlocutores, estão Fabrice Virgili, Joann Scott, Margareth Rago e Pierre Bourdieu.

PALAVRAS-CHAVES: História do Lazer; História e Gênero; Urbanização.

Ao utilizarmos fontes hemerográficas para a compreensão do cotidiano teresinense a partir da década de 1970, podemos observar as profundas contradições e disputas existentes na cidade. A região, enquanto capital do Estado do Piauí, foi palco grandes obras, aumentou seu perímetro e o fluxo populacional, graças a esforços dos

poderes municipal e estadual. Essas mudanças fizeram com que Teresina acelerasse a urbanização, mas com problemas estruturais – disputas por território, higienização populacional, precarização ou falta de saneamento básico, emprego e moradia.

Com o aumento do perímetro urbano e fluxo populacional, foram criados novos espaços de lazer na cidade, enquanto os antigos estavam sendo reconfigurados. Ao estudar as diversões civilizadas em Teresina de 1880 a 1930, Teresinha Queiroz afirma que alguns dos espaços analisados não necessariamente eram novos, a grande novidade seria o sentido dado a eles (QUEIROZ, 2008, p. 8). O mesmo pode ser observado na década de 1970, com base nas permanências de opções antigas de diversão, posteriormente analisadas.

As opções de entretenimento encontradas na cidade, apesar de variadas, nem sempre eram acessíveis para todos os públicos consumidores, devido a motivos socioeconômicos ou geográficos. Determinadas opções como churrascarias e festas dançantes eram voltadas a grupos com melhores condições financeiras, e também havia pessoas de outras localidades que frequentavam Teresina apenas para trabalho ou estudos – enquanto algumas aproveitavam a distância de seus lares para participar de locais boêmios. A notícia abaixo aborda o fluxo populacional entre cidades:

O intenso fluxo migratório que recebe do interior do Estado e sobretudo do Maranhão, a falta de áreas urbanas para permitir a expansão da cidade e a escassez do mercado de trabalho são fenômenos que ameaçam parar Teresina que, na opinião do seu Prefeito, Sr. Raimundo Wall Ferraz, " não é apenas a Capital do Piauí, mas também de grandes partes do Maranhão", porque polariza 35 Municípios do vizinho Estado que lhe aumentam os encargos sociais e lhe reduzem as condições de resolver seus próprios problemas [...] Timon, uma cidade maranhense do outro lado do Parnaíba (só é atravessar a ponte), com 20 mil habitantes, é conhecida como "cidade dormitório", por toda a força de trabalho ser exercida em Teresina. Caxias, a segunda cidade do maranhão em população e que fica a 40 minutos de Teresina, mantém para esta Capital 14 ônibus diários (O Dia. ½ jul. 1975, p. 9).

Na presente pesquisa não há intenção de verificar a autenticidade dos dados numéricos levantados pelos jornalistas, mas observar que a situação descrita por eles pode ser relacionada com as vivências dos moradores teresinenses. Apesar das

generalizações e limitações da notícia, que aborda Timon como uma cidade em que a força de trabalho é integralmente voltada à Teresina, é possível analisarmos as dificuldades do empreendimento urbanístico da capital. Entretanto, essa situação denunciada nas fontes hemerográficas também nos mostra grupos populacionais que passaram grande parte dos dias afastados de suas cidades e familiares.

Esse afastamento vivenciado no cotidiano dos trabalhos e estudos resultaram em maior liberdade para a população de outras cidades. Os homens já possuíam grande liberdade de circulação, nos âmbitos do trabalho e do lazer, entretanto, a mudança no comportamento feminino, principalmente de mulheres pobres, foi intensificada: na esfera pública – muitas vezes afastada de seus familiares – elas encontravam maneiras de sobrevivência, enquanto algumas mulheres de famílias mais abastadas continuavam controladas por mecanismos derivados do panóptico, que por meio de seus mecanismos de observação, funciona como uma espécie de laboratório de poder, a ganhar eficácia e capacidade de penetração no comportamento das pessoas (FOUCAULT, 1987, p. 228). Ou seja, elas se sentiam observadas, e agiam conforme instituições de poder – família, escola e igreja – desejavam.

Maior liberdade também estava sendo conquistada pelas pessoas que moravam em Teresina. O crescimento urbano possibilitou espaços que também seriam afastados do controle observacional de instituições de poder. Novas dinâmicas de gênero, aos poucos, foram consolidadas em Teresina, com as mudanças tecnológicas e espaciais da cidade, mas não surgiram sem questionamentos, a ter em vista que jornalistas, por meio de notícias e crônicas, buscavam determinar os locais de circulação masculinos e femininos, a limitar os espaços das mulheres. Pretendemos estudar gênero com ênfase nas diferenças socialmente estabelecidas entre homens e mulheres, onde elas são concebidas historicamente em relação a eles (SCOTT, 1992, p. 85-87).

Os jornais abordavam questões polêmicas debatidas no momento, como feminismo, liberdade sexual, aborto, pílulas anticoncepcionais e divórcio (principalmente em 1977, período em que houve votação para legalização dessa prática). Defendiam a liberdade feminina, e explanavam sobre conquistas das mulheres em prol de maior igualdade de gênero, contudo, também possuíam abordagens

combativas a algumas dessas questões. O Jornal *O Dia*, por exemplo, afirma que a crescente participação feminina em atividades culturais, econômicas e profissionais seria indicador de modernidade (*O Dia*. 1/2 jun. 1975, p. 9), mas também veiculava discursos que controlavam liberdade sexual e de circulação das mulheres, principalmente no horário da noite.

Companhias inadequadas, especialmente de homens não pertencentes à família, atividades de lazer durante a noite e espaços boêmios poderiam levantar suspeitas contra a moral das mulheres, caso elas não estivessem vigiadas por pessoas de confiança. As moças da elite teresinense costumavam frequentar churrascarias, que eram divulgadas em jornais como pontos de encontro respeitáveis (*O Dia*. Teresina, 18 mai. 1976, p. 16). Além da alimentação, esses espaços disponibilizavam bebidas alcoólicas, música à fita e ocasionalmente, bandas.

Os meios de comunicação representavam as churrascarias como locais frequentados por jovens, a ter em vista que juventude é uma característica utilizada nas publicidades, de forma a determinar o público alvo, e constituir o corpo jovem como objeto de desejos: para atrair novos consumidores, afirmavam que jovens frequentaram e aprovaram os locais divulgados. Maria João Cunha explica que o indivíduo moderno surge envolto em publicidade, e dessa forma seu corpo vira objeto de idealização e, potencialmente, estigmatização (CUNHA, 2014, p. 63).

As tertúlias, assim como os passeios públicos e praças eram opções gratuitas de lazer. Jovens de variadas situações socioeconômicas circulavam por esses espaços, considerados tradicionais pontos de encontro em meados do século XX. Em torno dos principais cinemas da cidade, existiam praças centrais, que devido ao processo de urbanização, tiveram suas representações ressignificadas: com a criação de novos bairros, foram construídas praças menores, que atraíam moças e rapazes que ali moravam e não costumavam sair para as praças do centro da cidade (SANTANA, 2008, p. 25).

De acordo com fontes hemerográficas, o relativo abandono das praças centrais resultou na circulação elementos tidos como indesejáveis ao poder público: bêbados,

bandidos e prostitutas. Nem todos os passeios da cidade recebiam o devido policiamento, o que resultou em denúncias, por parte de moradores e jornalistas, de indecoros e violência.

Diversões periódicas como carnaval e circos também movimentavam a sociedade teresinense. A partir do mês de janeiro, os jornais divulgam notícias a respeito dos preparativos carnavalescos, bem como competições, folias de rua e acordos entre escolas de samba e poder público. Algumas das escolas de samba mencionadas são Foliões do Brasa Samba, Unidos da Palmeirinha, *Skindô*, Acadêmicos do Samba e Escravos do Samba (O Estado. 25/26 jan. 1976, p. 12). Apesar do número de pessoas que aproveitavam o carnaval para visitar outras cidades, havia opções de lazer em Teresina.

Companhias circenses ocasionalmente passavam temporadas em Teresina. O Jornal *O Estado* noticiou sobre a chegada do *Gran Bartholo Circus*, que de acordo com o seu dono foi fundado na Itália em 1930, e teria ingressado em território brasileiro sete anos depois. O circo teria sido sucesso em Teresina durante sua passagem no ano de 1968, e por isso, retornou em janeiro de 1976. Trapezistas voadores, globo da morte, leões, ursos, macacos e vedetes eram algumas das atrações (O Estado. 29 jan. 1976, p. 10). O circo disponibilizou um carro de som para divulgar as apresentações, que ocorreram na Avenida Maranhão, retratada como um dos principais cartões postais da cidade.

Cine Rex, Cine Royal e o Cinema do Centro de Convenções eram alguns dos principais destinos da população teresinense em seu tempo livre. As três empresas divulgavam as obras em cartaz nos jornais piauienses. O Cinema do Centro de Convenções apostava especialmente em filmes internacionais, como *Mad Max*, *Os Impacáveis* e *Star Wars* (O Dia. 20 jul. 1983, p. 7), e ocasionalmente exibia filmes com censura livre, o que também permitia a presença de crianças nas salas de exibição.

O Cine Royal, além de exibir grandes sucessos internacionais, reproduzia comédias como filmes dos Trapalhões (O Dia. 19 jul. 1983, p. 7), estrelados por Renato Aragão, dramas nacionais e Pornochanchadas – também conhecidas como chanchadas

eróticas. De acordo com Romulo Gomes, Pornochanchadas eram filmes de comédia com conteúdo sexual, produzidos com baixo orçamento. Posteriormente, os diretores saíram do nicho exclusivamente cômico e passaram a produzir Pornochanchadas de ação, terror e outros gêneros cinematográficos (GOMES, 2017, p. 14-15). A mídia apelidou essas produções de chanchadas eróticas com sentido pejorativo, mas os filmes passaram a fazer sucesso e conquistar enorme bilheteria.

O Cine Rex, bem como Cine Royal, apostava na exibição de Pornochanchadas. Entretanto, durante o período estudado no presente artigo, trabalhava principalmente com filmes de kung fu e faroeste (O Dia. 20 jan. 1983, p. 6). A maioria das obras em cartaz eram para maiores de 18 anos, o que limitou o público frequentador a principalmente homens adultos. Fabrice Virgili aborda violências masculinas que são aceitas, compreendidas como possibilidades que os homens encontram de defender suas prerrogativas (VIRGILI, 2013, p. 97), e o consumo de filmes com temáticas de luta, sexualidade e dominação feminina, bem como práticas sexuais que poderiam ocorrer dentro das salas de cinema, afastavam mulheres e crianças.

Pierre Bourdieu aborda a violência como uma das formas em que homens dominam mulheres, e até mesmo outros homens. Contudo, o autor também estuda dimensões simbólicas desse domínio. Para ele, existe um princípio simbólico que seria reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado: uma língua (ou maneira de falar), um estilo de vida (ou uma maneira de pensar, de falar ou de agir) ou estigmas (BOURDIEU, 2002, p. 2-7). Os homens, por meio do consumo da violência e delimitação simbólica de espaços e horários permitidos às mulheres, estariam exercendo suas dominações. Elas seriam estigmatizadas, caso frequentassem ambientes perigosos ou consumissem conteúdos tidos como inadequados a seus gêneros e à moral vigente.

As “coroas”, trechos de terra localizados no meio dos rios Parnaíba e Poty, resultados do assoreamento, constituíram em mais uma alternativa boêmia frequentada por algumas camadas populacionais teresinenses. Esses locais ofereciam comidas e bebidas, a baixo preço, dentro de cabanas de palha. Nesses espaços, os corpos de bombeiros organizavam campeonatos de futebol e natação. Entretanto, autoridades políticas e a mídia costumavam denunciar algumas práticas entendidas como desviantes:

a presença de meretrizes, o consumo de álcool e a distância de ambientes familiares. As prostitutas, como observa Margareth Rago, comumente são retratadas como vítimas da sociedade, sem controle de seus destinos, ou como cortesãs cruéis (RAGO, 1991, p. 21).

Em todos os espaços de lazer previamente analisados, permeava a prática da prostituição feminina, comumente retratada nos jornais da capital após episódios de violência, praticada por homens que se relacionavam com as prostitutas, ou em disputas que elas travavam por clientes. Apesar dos tradicionais bordéis de Teresina – principalmente localizados na Rua Paissandu, próxima ao centro da cidade – estarem funcionando, boa parte da prática do meretrício também ocorria ao ar livre. Um redator do jornal *O Dia*, ao buscar testemunhos sobre o bairro Piçarra, identificou três pontos de comércio: o Mercado da Lama, onde o movimento ocorria por todo o dia, a entrar pela noite, período de afluência dos boêmios; o Mercado do Peixe e o Mercado da Carne (*O Dia*. Teresina, 21 mai. 1976, p. 16). Essa região, comercial e de pessoas simples, de acordo com o jornalista, apresentava um grave problema social, por conta da prostituição:

O desafio social é mesmo o Morro do Querosene, onde acontecem os mais diversos tipos de problemas. Quando explodiu uma campanha para que todos os colchões de camas fossem destruídos, por precaução e prevenção da saúde pública, muitas mulheres reclamaram. Outras choraram, até, preocupadas, sem ter onde dormir. Algumas nem ligaram: “quem está com sono, dorme em qualquer parte. No chão, na rede e até na delegacia”. Localizado numa das regiões mais altas do bairro Piçarra (quem sabe, daí a origem do nome), o Morro do Querosene, juntamente com a Paissandu, formam a área mais explosiva de Teresina, que ainda estão exigindo seríssimas providências sociais (*O Dia*. 21 mai. 1976, p. 16).

A preocupação com a presença de marginais e prostitutas ocorria por conta da imagem negativa que ofereceria da noite teresinense, tanto aos moradores quanto aos visitantes da cidade. De acordo com o supracitado jornal, uma forma de reverter a situação seria com o policiamento. Analisa-se, com base na fonte discutida, que a prostituição era vista como problema à população quando localizada em tradicionais ambientes de Teresina, pontos turísticos ou residenciais.

A região da Paissandu, que nas décadas anteriores fora espaço tradicional de prostituição – com cabarés constituídos de salão de festa, bares, restaurantes e quartos, locais em que as mulheres recebiam os clientes (SÁ FILHO, 2006, p. 61) –, na década de 1970, era representada jornalisticamente como ambiente decadente, sem higiene, que ofereceria paisagem que infelicitava a capital piauiense (O Estado. 01 mai. 1975, p. 1).

Em 1979, o deputado Ribeiro Magalhães queria a indenização dos prédios velhos do meretrício do local, para construção da Estação Rodoviária de Teresina (*O Dia*. Teresina, 22 ago. 1979, p. 3), entretanto na zona existiam lojas comerciais, fábricas de molas para caminhão, e a indenização envolveria muito dinheiro. Elizangela Barbosa Cardoso relaciona o grande fluxo de homens às margens do rio Parnaíba com os espaços ocupados pelo meretrício em Teresina, durante o período de 1920 a 1950 (CARDOSO, 2015, p. 34-35). A região da Paissandu na década de 1970 apresentou relações com esse processo: as oficinas mecânicas e fábricas de molas para caminhão atraíam para a região homens que trabalhavam nesses locais, ou compravam os produtos oferecidos.

O projeto de indenização dos prédios da Paissandu para a construção da rodoviária não teve sucesso, mas percebe-se que, em diversos momentos, houve a tentativa de desintegrar espaços de prostituição. Outro ponto de prostituição de Teresina, voltado para as camadas mais pobres, era o Purgal, localizado no bairro Joquei Clube, que, nas décadas anteriores, já consistia em um aglomerado de casas de palha e de taipa, com prostitutas pobres. Em 1975, a região foi alterada pela campanha de desfavelamento que estava em vigor.

De acordo com Regianny Monte, o Purgal era composto por 30 casas, e o poder público interveio na localidade em 1976, com a intenção de retirar essas famílias, que estavam situadas em um bairro da zona nobre da cidade. A Prefeitura Municipal de Teresina desenvolveu a operação intitulada João de Barro, onde estudantes da Universidade Federal do Piauí (UFPI) estudaram a realidade de moradores pobres dos bairros Jockey e São Cristóvão, com o objetivo de realocá-los. 413 famílias foram identificadas na operação, e encaminhadas à inscrição para moradias no Conjunto

Habitacional Itararé, que veio a ser denominado Dirceu Arcoverde (MONTE, 2010, p. 70-71).

A tentativa de desintegrar tradicionais locais de prostituição funcionou parcialmente. Alguns desses espaços foram substituídos, mas a prática do meretrício continuou. Havia diferentes grupos de mulheres, algumas com maior liberdade que as outras. Apesar de limitações, algumas mulheres frequentavam “coroas”, outros ambientes boêmios e cinemas. Os jornais locais também retratavam disputas delas com homens e mulheres, pelos mais diversos motivos: desejo de autonomia, defesa da família e do ambiente de trabalho. Dessa forma, percebe-se que o conceito de dominação masculina pode ser utilizado para entender a situação delas, mas é necessário perceber as diferentes formas de luta pela liberdade feminina, e não tratar as mulheres exclusivamente como vítimas.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*; tradução Maria Helena Kuhner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CARDOSO, Elizangela Barbosa. Prostituição, sociabilidades e masculinidades em Teresina entre as décadas de 1920 e 1950. IN: MATOS, Maria Izilda Santos de; CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Cultura, corpo e educação: diálogos de gênero*. São Paulo: Intermeios; Teresina: EDUFPI, 2015.

CUNHA, Maria João. *Corpo e imagem na sociedade de consumo*. Lisboa: Clássica Editora, 2014, p. 63.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 42. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

GOMES, Romulo Gabriel de Barros. *Muito prazer, pornochanchadas: relações entre moral e bons costumes na construção da censura às produções eróticas brasileiras (1975-1982)*. Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em História, 2017.

MONTE, Regianny Lima. *A cidade esquecida: (res) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Teresina, 2010.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *As diversões civilizadas em Teresina: 1888 – 1930*. Teresinha: FUNDAPI, 2018.

RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SÁ FILHO, Bernardo Pereira de. *Cartografias do Prazer: boemia e prostituição em Teresina (1930-1970)*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Teresina, 2006.

SANTANA, Márcia. *Discursos, desejos e tramas: o comportamento feminino em Teresina nos anos setenta do século XX*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Teresina, 2008.

JOAN, Scott. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. *A Escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

VIRGILI, Fabrice. Virilidades Inquietas, virilidades violentas. IN: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História da Virilidade: 3. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FONTES HEMEROGRÁFICAS

O Estado. Teresina, 01 mai. 1975, p. 1.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

O Dia. Teresina, 1/2 jun. 1975, p. 9.

O Dia. Teresina, 1/2 jul. 1975, p. 9.

O Estado. Teresina, 25/26 jan. 1976, p. 12.

O Estado. Teresina, 29 jan. 1976, p. 10.

O Dia. Teresina, 18 mai. 1976, p. 16.

O Dia. Teresina, 21 mai. 1976, p. 16.

O Dia. Teresina, 22 ago. 1979, p. 3.

O Dia. Teresina, 20 jan. 1983, p. 6.

O Dia. Teresina, 19 jul. 1983, p. 7.

O Dia. Teresina, 20 jul. 1983, p. 7.